

LUÍS SOLER

A ARGILA  
E O SAL

SEPARATA DA REVISTA  
ESTUDOS UNIVERSITÁRIOS

## PRELÚDIO

Difícil, mesmo, é ver.  
Porque por trás dos olhos  
assoma sempre o coração inquieto  
e velhas transparências se interpõem  
entre nós e o de fora.

— Onde, uma côr que não conjura formas?  
um perfume que volta sem lembranças?  
um traço a-toa que nada signifique?  
um silêncio deserto?... —

Morrer, eu imagino, chegará com frescores  
de barro espêso, primitivo, amnésico...

*a Ariano Suassuna*

Que os dedos da alma, lentamente,  
modelem o meu corpo.  
Um dia meus sentidos, se apagando,  
darão por finda a estátua de sal.

De um gesto — o derradeiro — surgirá  
o rosto exato de um destino errante;  
soma final de tôdas as estranhas  
máscaras que em mim viveram.

Virá então um Arqueiro silencioso  
a ler nos sulcos consumados. Depois,  
recobrando seu dardo escrutará  
nos altos céus uma estrêla implacável.

Abraçar-te  
era abraçar a fugidia chuva,  
as côres de uma festa, aromas  
do verão que se exala de espalhadas frutas:  
tão insólito, tudo!...

Te abraçava  
e a fôrça dos meus braços  
arrancava do nascente dos tempos,  
da medula das pedras.

Estendiam-se  
asas misteriosas  
para os aléns da morte e do nascer  
e meu peito, de chôfre, não sei como,  
dava para conter a imensidão...

Tantos abraços, desde então!... e sòmente consigo  
acarinhar a pele da saudade!

O TEMPO VIVIDO

Contar os anos  
deixa tudo tão incerto!

Há anos breves  
e anos que nunca acabam.

Um ano é amarelo, outro é azul  
ou vermelho  
ou tem o gris das cinzas...

Alguns anos, parece, desmancharam-se.  
Outros ficam rufando nos tambores do peito.  
Outros, ainda — bem que os conheço — ameaçam,  
desforram-se.

... o que adianta  
a contagem dos anos?

Quem queira, sim, sentir de vez  
o tempo já vivido  
— depois talvez sorria —  
conte seus dias até hoje  
em dias.

À AMIGA, AO PÔR DO SOL

Silenciosa amiga, como os anos se escoam  
diante dos olhos cada vez mais fundos!...  
Silenciosa amiga, como os anos se escoam.

Nesta hora de pompas incendiadas  
ouves também — eu sei — asas que batem  
em remotos azuis, juvenis para sempre.

Dá-me tua mão, irmã na nostalgia.  
No limiar da noite há claridades  
màgicamente dispersas entre as coisas...

Venho de Ti, como a torrente  
que nasce em altas neves;  
despenho-me pelos barrancos  
com insolente fúria.

Sou água nova a comprazer-me  
no borbulhar sonoro;  
canto, longe de Tua paz,  
desafios de fuga.

Tu ouves meu louco bulício  
sem quebrar Teu silêncio.  
Penso: reservas-me, lá embaixo,  
planícies semeadas?...

O que eu ganhei: água na bôca  
diante do cercado laranjal;  
tremor das mãos sem ousadia  
para roubar a fruta.

O que eu perdi: um coração  
a debruçar nos olhos admirados;  
música dos sentidos se entreabrindo;  
subir às nuvens sobrenadando seivas.

O que encontrei: vozes enfatuadas  
na feira das cobiças e as empáfias.  
E uma secreta voz: "Em vão, Luis,  
só frutifica a flôr nunca colhida..."

O que deixei: galos do amanhecer,  
ensolarada paz das coisas fúteis...  
Adeus, trilhas!... Ando em névoas, agora.  
... eis os meus lucros, eis as perdas minhas.

*a Lenyra, amiga*

Verdes bandeiras  
de ramos delirantes:  
vento de juras  
nas brenhas da paixão!...

... mas nos últimos galhos dos sentidos  
amadurecem borboletas  
que um dia, de improviso,  
reclamam seu momento para desfraldar côres  
— breve, cambaleante, repentina beleza! —

Sim!... que em nosso peito finca, às vêzes,  
o pânico à saudade  
da flor que em furnas solitárias  
abre o cálice  
e dança  
e queima seu perfume  
e murcha...  
... para ninguém.

Além ou aquém dos olhos,  
luz e trevas?...

Soubesse ao menos se és revolta  
ou aceitação, coragem!

Soubéssemos um dia para que  
infortúnios, fortuna...

Sinto apenas o tempo traspassar-me  
e nos olhares dos outros reencontro  
as interrogações minhas. Envolve-me demais  
o pânico de todos, para entender a fôrça,  
e não sei que lamentas quando agitas  
meu sangue, azar que não governo!...

## DESPEDIDA

Adeus!... Horizontes me chamam  
e no ar esvoaçam promessas  
e cheiros distantes.

Não, não fales!  
O tempo, se eu ficasse,  
semearia chumbo nos relógios  
e tédio nos silêncios.

Devo ir embora.  
a cansar-me de terras e sonhos.

Adeus!... Não me esperes.  
Embora saibas  
que voltarei, um dia, com a rosa  
dos ventos murcha na lapela.

E aprender

## A RACHA

a César Leal

Não, não sei em que momento  
aconteceu... Mas o cristal rachou-se  
irreparavelmente.

— ... Foi em hora de fúria,  
unhas rebeldes, as raízes minhas,  
num solo áspero demais?

... Foi no âmago de um sono descuidado,  
quando o incenso dos sonhos  
faz crepitar esquecidos rescaldos?

... Não chorada, uma lágrima morta  
cortou talvez, no fundo dos olhos,  
como um diamante vingativo? —

Nem sei!... aconteceu secretamente.  
Como o aniversário da morte que virá:  
desconhecido, certo.

E de repente hoje é que eu compreendo:  
nunca mais — nunca! — a mão do Deus  
de outrora voltará a me suster.

Sem mágoas. Sem saudades...  
Chuva de abril, um pouco  
como tu: simples, oferecida,  
caindo em leves rosários rumorosos.

A secreta conversa da garoa  
chega-me do jardim. É bom  
estar deitado só. Não amo  
ninguém. Gosto de muita gente.

Meia noite passou. As ruas  
da cidade brilham, lá embaixo  
sob as lâmpadas. Dormias,  
mar, e a chuva te arrepia?

Agora é tempo de esquecer  
rancores, desencantos...  
As teimosas agulhas da paixão  
furam apenas velhos versos.

Cala. Cala.  
Racha-se tanta argila. Tanta!

“Olhai as serpentinas  
nas varandas do peito  
o dia após a festa!

Cala, te digo!

“Foi demolida a escada, noutros tempos  
descida para sempre”.

Cala.

“Os muros plangem a velhice do sol  
e a deserção das lagartixas últimas”.

Cala.

Cala e escuta:  
chega um silêncio de muito longe. Vem  
de brancas, de irreparavelmente mortas  
salinas solitárias.

Para nos despedir temos as mãos.  
Levantadas e abertas, para as palmas soltarem  
todos os sulcos que caem com o adeus;  
abanando, porque fios de sedas delicadas  
uniam mãos que partem e que ficam  
e é preciso rompê-los sem que as mãos nada sintam.  
Ai, mãos de despedidas que ao baixar  
envelhecem de vez todo um tempo de ausência  
ou são, quem sabe até, mãos sepultadas!

Para voltar, em troca, o que é que temos?...  
não servem mãos, nem braços, nem lábios retraídos;  
não servem lágrimas com sal de longe;  
não serve um coração que não é mais  
o coração que todos conheciam.

Não temos nada. Só uma hora prevista:  
um melancólico domingo à noite, sempre o mesmo  
para aquêles que voltam.

Não, melhor nunca voltássemos  
onde velhas janelas e olhos que nos choram  
vitrificaram o tempo na lembrança.

... e em verdade, haverá alguém que volte?  
Porque não é somente a água do rio: as pedras  
da ponte — as pedras! — também mudam.

Tantas, as mãos levantadas  
aos céus da noite!  
Tão gritante, o silêncio  
e breve, a longa vida!...  
— Em minha frente  
extraviou-se um anjo  
sofrendo a eternidade. —

Da escuridão da estrada,  
por um momento, espio  
as mesas do festim, feito mendigo.

Quando prossigo meu caminho  
as estrélas enviam  
fugazes vagalumes a riscar  
em derredor de mim enigmáticos círculos.

Como a muralha, sombras, tudo o que eu tive.  
Deslizantes tesouros do espelho, meus tesouros.  
— mais só a muralha depois de cada sombra;  
os espelhos mais nus, a cada imagem. —

E hoje, vaga vazia na maré de um outono,  
estranho à fôrça que me encaracola,  
persisto apenas numa crista de espumas  
e num longo olhar rochas onde irei rebentar.

Porque voltou o verão esta manhã,  
velhas veredas me levaram ao esmo  
até os rochedos lá da praia — te lembras? —

Estranho, um coração que emudeceu!  
Isto reencontrei:  
os ásperos penhascos,  
a areia morna,  
os azuis do horizonte,  
as escamas do sol a flutuar nas vagas...

um forasteiro em minha pele, à sombra  
dos tamarindos e dos tempos sumidos.

ADÃO AFLITO

*ao Pe. Jaime Diniz*

Da submissão do barro, despertei  
às secretas revoltas da arrogância;  
o que de olhos cerrados conhecia  
desconheci, acordado.

E hoje o tempo balança, para mim,  
dos sentidos afoitos a uma rígida máscara:  
a um lado e outro, bronzes roucos vibram  
com idêntica mágoa.

Ah, se me devolvessem ao início  
onde o carôço amargo dêsse fruto  
pudesse rebrotar ramagens novas!...

Seria, então, pouso de pássaros, de ventos  
bandeiriola; tamborim das chuvas, eu,  
apenas testemunha de um instante de tudo.

SONHEI MINHA MORTE

*a Jaime Carreiro*

Minha jangada na praia  
virada para sempre.  
A vela, pintada com meu sangue,  
apodrece na areia.

... Sobe a lua dos mortos  
para acender nas ondas  
fulgores de saudades implacáveis.

Quero viver, outra vez!

Crescer com a mata,  
respirar com os ventos,  
viajar com as nuvens,  
rodar com a terra...

De nôvo!... nos enganos de sempre  
sofrer os desenganos  
de sempre.

Voltar a querer. Sentir  
a incrível riqueza que nos trazem  
duas mãos vazias.

... Uma morte, por último,  
sem sonhos nem memória.

QUATRO MOMENTOS PARA UMA PAIXÃO

## VEEMÊNCIA

### I

Qual, dentre tantas palavras, a que dita  
flôres à rama, rota ao vôo das aves,  
olhos d'água aos penhascos... a que diria  
o renascer que no meu pulso impões?

Não quero horas que chegam sem trazer-te  
ao meu lado, nem risos e conversas  
que tua voz não estremece, nem  
côres do entardecer, vinhos ou livros...

Sòmente as coisas que já te conhecem  
vêm lá de fora navegar meu sangue.  
Falo teu nome e me responde a vida;  
falas o meu e minhas mortes morrem.

*a Salvador Dali*

## II

Relincham potros nos prados de outrora.  
— mar adentro, fogueiras! — Velhos tocos se racham.  
Fermenta nos celeiros o trigo adormecido  
e uma rara penugem deixa o ar mais espesso.

Ai, noite sem relógios!... Transbordam vinhos  
nos tachos que sangram em ocultos porões.  
Minhas mãos estalaram, as pálpebras me ardem  
e há formigas mordendo meus lábios de cortiça.

## III

Não é saudade, o que acompanha  
tua lembrança.  
É uma música.

Menos:

a névoa de música  
que deixam os ciganos pela estrada...  
É lua em céus do dia,  
chuveiro sôbre os lombos do alto mar...

Não é saudade.

Não há saudade assim:  
incurável tristeza de estar longe  
e não te querer mais junto de mim.

## POSLÚDIO

### IV

Não a raiz, e sim a flôr  
que balança na aragem, transitória.

Não palavras. Só ecos  
de uma velha toada na memória.

Não o seixo no espelho da lagoa:  
apenas rodas d'água se abrindo e serenando.

Uma lembrança cândida, imprecisa:  
não mais como um martelo, tu, nas minhas veias!